

*Esporte e Cinema na Escola: uma experiência no ensino médio do Colégio de Aplicação/UFS**

Humberto Santana França**

Hamilcar Silveira Dantas Junior***

Resumo

Esta pesquisa se propôs construir formas de trato pedagógico com o cinema na escola orientadas a uma educação esportiva através da arte cinematográfica. Perspectivamos aprender sobre esporte, para além do esporte, dialogando arte e esporte. Apesar de o filme ser usado como recurso auxiliar das aulas ou passatempo na escola, compreendemos que as produções cinematográficas como mídia educativa ainda são mal utilizadas, acreditamos que a educação escolar deve buscar meios para possibilitar a formação estética audiovisual dos alunos, pois devemos reconhecer que estamos inseridos em uma sociedade que a linguagem audiovisual se constitui como poder e implica nas relações das pessoas com mundo. Isto posto construímos uma prática pedagógica com o cinema que envolva a escola em diálogos interdisciplinares. A experiência pedagógica, nos moldes da pesquisa-ação, foi realizada com duas turmas do ensino médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP/UFS). A análise do *corpus* da pesquisa foi realizada com o método da Análise Textual Discursiva-ATD. A intervenção possibilitou um ambiente propício para uma educação esportiva e da sensibilidade estética, seus resultados apontam para uma ampliação significativa das compreensões sociais do esporte por meio do cinema, e para além do esporte.

Palavras-chave: Cinema; Esporte; Educação Esportiva.

* Esta pesquisa foi financiada pelo CNPq através do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/UFS).

** Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe, Brasil. E-mail: betinhochoess@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9521-1016>

*** Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe, Brasil. E-mail: hamilcarjr@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7676-7019>

Sport and Cinema in School: an experience in high school Colégio de Aplicação/UFS

Abstract

This research has proposed to construct forms of pedagogical treatment with the cinema in the school oriented to a sporting education through the cinematographic art. We are looking to learn about sport, in addition to the sport, dialogue with art and sport. Although the film is used as an auxiliary feature of lessons or hobby in school, we cinematographic productions as educational media that are not well-utilized, we believe that school education should seek the means to enable the audiovisual aesthetics formation of pupils, we must recognise that we are inserted into a society that the audiovisual language If constitutes force and implies at people relations with world. So we build a pedagogical practice with cinema involving the school in interdisciplinary dialogues. The pedagogical experience, in the research-action molds, it was conducted with two high school classes of the Colégio de Aplicação of Universidade Federal de Sergipe (CODAP / UFS). The analysis of the *corpus* from research was conducted with the method of Textual Discursive Analysis- TDA. The intervention has enabled a conducive environment for sporting education and from aesthetic sensibility, its results point to a significant expansion of the sport's social comprehensions through cinema, and beyond the sport.

Key words: Cinema; Sport; Sporting education.

Deporte y Cine en la Escuela: una experiencia em educación secundaria de lo Colégio de Aplicação/UFS

Resumen

Esta investigación tuvo como objetivo planear formas de tratamiento pedagógico con cine en la escuela orientado a una educación deportiva a través del arte cinematográfico. Esperamos aprender sobre el deporte, más allá del deporte, al hablar sobre arte y deporte. Aunque la película se usa como un recurso auxiliar para el pasatiempo de la clase o la escuela, entendemos que las producciones cinematográficas como medios educativos todavía se usan malo, creemos que la educación escolar debe buscar formas de permitir la formación estética audiovisual de los estudiantes, porque debemos reconocer que estamos insertos en una sociedad que el lenguaje audiovisual se constituye como un poder e implica en las relaciones de las personas con el mundo. Dicho esto, planeamos una práctica pedagógica con el cine que involucra a la escuela en diálogos interdisciplinarios. La experiencia pedagógica, a lo largo de las líneas de investigación-acción, se llevó a cabo con dos clases de secundaria del Colégio de Aplicação de la Universidade Federal de Sergipe (CODAP/UFS). El análisis del corpus de investigación se realizó utilizando el método de análisis textual discursivo-ATD. La intervención proporcionó un entorno favorable para la educación deportiva y la sensibilidad estética, sus resultados apuntan a una expansión significativa de la comprensión social del deporte a través del cine y más allá del deporte.

Palabras clave: Cine; Deporte; Educación Deportiva.

Introdução

O cinema e o esporte são símbolos da modernidade em fins do século XIX. Uma cultura visual, física e espetacular moldou as formas de entretenimento e conhecimento aliados à cultura escolar. Ambos estão vinculados às práticas formativas do homem civilizado europeu que se espalhou por todos os continentes

Dessa forma, partindo da compreensão de Dantas Junior (2012, p.67) que “Cinema, esporte e escola são símbolos concretos da modernidade que dialogam constantemente, nem sempre de modo explícito”, buscamos compreender as possibilidades de uso do cinema na escola para aprender sobre esporte, para além do esporte e dialogando arte e esporte?

Enquanto a prática esportiva é supostamente inegável no espaço da escola, seja nas atividades extracurriculares, seja nas aulas de Educação Física, o cinema, por sua vez, é ainda visto como uma manifestação cultural improdutiva, que não tem espaço no terreno sério e comprometido com a formação intelectual das crianças. Em contrapartida, compreendemos que o uso de filmes na escola deve ser estimulado, mas não de modo instrumental.

Esta pesquisa, financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), se propôs construir formas de trato pedagógico com o cinema na escola orientadas a uma educação esportiva através da arte cinematográfica e mesmo uma educação para arte através do esporte.

Os caminhos da pesquisa

Esta pesquisa, nos moldes da pesquisa-ação, foi realizada com alunos do ensino médio do Colégio de Aplicação da UFS (CODAP/UFS). A opção pelo Ensino Médio se justificou por ser um grupo de jovens que está se preparando para adentrar o ensino superior, formando compreensões mais elaboradas, estabelecendo conexões mais concretas entre as áreas de conhecimento. Com autorização da direção elaboramos os procedimentos da intervenção, sob a supervisão e colaboração da docente que ministra aulas de Educação Física nas turmas do ensino médio dessa instituição. Dessa forma, houve um trabalho conjunto com a professora para selecionar uma amostra do Ensino Médio a participar do projeto: o 2º ano “A” e o 2º ano “B”, uma com 30 alunos e a outra com 29 alunos, respectivamente.

Selecionadas as turmas, o percurso foi centrado nos seguintes passos: utilizamos um roteiro de trabalho pedagógico conforme indicações de Marcos Napolitano (2003); organizamos duas fases para o planejamento e execução das atividades, sendo a primeira, a seleção dos filmes¹, seu emprego no âmbito das aulas de educação física e a identificação da cultura cinematográfica da turma, e a segunda fase foi a preparação dos “roteiros de diálogos cinematográfico”, a exibição dos filmes, a elaboração dos textos pelos discentes, e a formação dos grupos de discussão.

¹ Ressaltamos que a proposta busca utilizar filmes de ficção (ainda que alguns “baseados em fatos reais”). A seleção dos filmes foi feita a partir de três sugestões de Melo (2006a): Filmes em que o esporte seja o tema central; filmes em que o esporte tenha relevância na trama, e filmes nos quais o esporte é citado ou aparece em alguma cena.



Utilizamos como dados da pesquisa, os textos produzidos pelos alunos e o questionário de diagnóstico de cultura cinematográfica. Para explorar os dados dos questionários respondidos pelo os alunos, realizamos uma análise estatística, interpretando e explorando os dados e contrapondo com outros autores/estudos.

Os textos produzidos pelo os alunos foram tratados por meio da Análise Textual Discursiva – ATD (MORAES, 2003), uma metodologia de interpretação resumida em: desmontagem dos textos/ou unitarização; estabelecimento de relações/ou categorização; captando o novo emergente.

O projeto nas duas turmas totalizou dezoito aulas, oito aulas no 2ªA, e dez aulas no 2ªB. Como as duas aulas da semana aconteciam no mesmo dia, e em horários seguidos (90 minutos de aula), isto contribuiu para a exibição dos filmes. Conseguimos realizar duas sessões de exibição em cada turma, e três encontros para os debates.

O processo pedagógico

Iniciamos apresentando um questionário diagnóstico para conhecer a cultura cinematográfica dos alunos. Segundo Napolitano (2003), é um procedimento básico ao propor-se planejar atividades com o cinema na sala de aula, pois devemos levar em conta algumas informações básicas como o perfil socioeconômico dos alunos da instituição; como funciona o consumo cinematográfico dos alunos; quais os gêneros cinematográficos preferidos; os filmes preferidos dos alunos. Esse questionário compreendia: a faixa etária; o gênero; a frequência que assistiam filmes; critérios para assistir um filme; os gêneros cinematográficos preferidos; filmes preferidos; diretores de cinema preferidos; filmes com a temática de esportes; filmes de outras nacionalidades, além dos filmes americanos e brasileiros.

A faixa etária predominante das turmas correspondia entre 17 e 19 anos. A maioria dos alunos entrevistados indicou ser do gênero masculino, cerca 67%, e do gênero feminino corresponderam 33% dos participantes.

No item que perguntava a frequência que os alunos vão ao cinema predominou a resposta “uma vez por mês” e “outro”, com 58.33% e 41.66% respectivamente. Na opção “outro” a pergunta era aberta e as respostas variaram entre “dois em dois meses”; “Quando tenho tempo”; “Uma vez por ano”; “raramente” etc.

Comparando o levantamento desses dados com uma pesquisa feita em âmbito nacional pelo IBOPE Media (2013), cujos dados revelaram que 16% da população das principais capitais e regiões metropolitanas do país têm o hábito de ir, pelo menos uma vez, ao cinema no período correspondente de 30 dias, percebemos que a maioria dos alunos da classe apresenta uma frequência acima da média nacional. Isto se deve, dentre outros motivos, a esses alunos estarem em uma faixa etária de 12 a 19 anos que, segundo a mesma pesquisa, correspondem ao grupo etário mais assíduo nos cinemas.

Ainda na pergunta que questionava a frequência que os entrevistados assistiam filmes, seja, na TV ou Computador, 46%, indicaram que assistiam filmes uma vez por semana, 25% uma vez por mês, 17% todos os dias, 12% “outro”.

Percebemos que o grupo de alunos que afirmou não ter o hábito de frequentar as salas de cinema respondeu que assistiam a filmes com frequência na TV ou computador. Sem dúvida o acesso a DVDs e a proliferação de plataformas de *streaming* possibilita o acesso de filmes em casa, de modo mais volumoso que os videocassetes no passado. Ressaltando também a relevância desse acesso nas cidades que não têm cinemas. Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstrou que só 10,4% dos 5.570 municípios brasileiros têm ao menos um cinema (ÉPOCA, 2015).

Acerca dos critérios que os alunos escolhem para assistir um filme (seja no cinema, DVD, filmes on-line), predominou o Gênero do filme (33%), seguido por indicação de amigos ou de meios de comunicação (19%), atores e atrizes do filme (17%), lançamentos (13%), catálogo de filmes (11%), diretor de filmes (3%), revistas especializadas (3%), outro (1%).

Os alunos correspondem a um tipo de espectador que é antenado com o que circula de mais recente no universo da indústria cinematográfica, pois percebemos com os dados acima que esses jovens buscam produções de grande aclamação de público, os filmes *blockbusters*. Para esse público segundo Duarte e Alegria (2008, p.70):

Assistir a um lançamento, ter informações atualizadas sobre o que está em cartaz no circuito, e sobre o que ainda vai ser lançado conta mais, nesse universo, do que conhecer os diretores, a história e os movimentos estéticos e políticos que tornam possíveis os filmes que vemos. Mas essa é também uma maneira de gostar de cinema e, se quisermos criar estratégias para a educação do olhar dos mais jovens precisamos compreendê-la melhor, sem preconceitos ou pré-julgamentos.

Identificar o perfil de espectador dos alunos, viabiliza o professor a elaborar o planejamento das atividades, sobretudo, respeitando a cultura audiovisual da turma. Sabendo desses aspectos em um primeiro momento não seria interessante exibir um conjunto de filmes que fogem do perfil dos estudantes. Conforme Dantas Junior (2012, p. 71),

esse é um processo de transição que necessita amadurecimento da plateia para que possa se efetivar. Entendo que, à medida que a proposta se consolida e se amplia o nível cultural dos alunos, a inserção de filmes de outros gêneros, nacionalidades e ritmos se torna mais fecunda.

Dessa forma, também buscamos conhecer o gosto em relação ao gênero cinematográfico da classe. Ao perguntar sobre os três gêneros preferidos, a predominância foi do gênero de comédia e ação/aventura. Estes dados corroboram com a pesquisa feita pelo IBOPE (FOLHA DE S. PAULO, 2016), o estudo foi realizado para compreender o que o brasileiro gosta de assistir nos cinemas. Os dados demonstraram que 68% dos espectadores preferem filmes do gênero de ação e aventura quando vão ao cinema, produções do gênero de comédia aparecem em segundo lugar, cerca de 50%. Esses são gêneros predominantes na indústria cinematográfica, principalmente, provido pelos filmes hollywoodianos (*blockbusters*). Duarte (2003, p. 28) descreve esse modelo de cinema dominante como de

Narrativas de fácil compressão, construídas de forma linear (com começo, meio e fim), quase sempre com final feliz (o famoso *happy end*, característicos do cinema



realizado em Hollywood), apoiados em recursos técnicos cada vez mais sofisticados e produzidas em escala industrial ajudaram a configurar, mundialmente, um padrão de gosto e de preferência muito difícil de ser quebrado.

Produções como essas estão entre as preferidas dos alunos do CODAP/UFS, cerca de 78% dos 114 filmes citados pelos alunos como preferidos, são filmes americanos. Dentre as produções mais citadas estão: *Velozes e furiosos*; *American Pie*; *Carga explosiva*; *Harry Potter e a pedra filosofal*; *Os Vingadores*² dentre outros. Melo (2006b, p.96) entende que esses filmes são produtos “contestáveis do ponto de vista da qualidade, produtos concebidos com base em uma estética empobrecida, destinado ao consumo rápido e insípido”, além disso, esses filmes buscam passar, geralmente, mensagens de cunho ético-moral ou político-ideológicas próprias do modo de vida do cidadão médio dos Estados Unidos.

Neste sentido, o cinema (sobretudo o americano) tem uma função ideológica e cognitiva fundamental no mundo moderno. Ele não apenas veicula determinada imagem da ‘América’ para os espectadores americanos como também consolida e propaga valores ideológicos e morais do *american way life* (hoje em dia cada vez mais hegemônico no mundo ocidental ou ocidentalizado), além de produtos e bens culturais em geral (NAPOLITANO, 2003, p.94).

Os filmes brasileiros foram citados apenas por 9% dos alunos. Esses dados demonstram como o cinema hollywoodiano exerce grande influência pelo gosto cinematográfico dos jovens.

Ao perguntamos quais os cinco diretores de cinema preferidos, apenas 25% dos alunos responderam. Assim mesmo, esses tiveram dificuldades de mencionar os nomes dos diretores, alguns buscaram os nomes na internet tendo como princípio, os seus filmes preferidos. Entre os diretores mais citados estavam os americanos Steven Spielberg³ e Michael Bay⁴.

Ao serem perguntados se gostam de filmes de outra nacionalidade (além dos filmes brasileiros e dos Estados Unidos), 58% disseram que sim e 42% que não. Aqueles que afirmaram gostar, ao serem questionados sobre quais filmes estariam se referindo apresentaram algumas contradições ao responder como “não lembro”; ou citando filmes dos Estados Unidos. Alguns também mencionaram filmes franceses como: *Azul é a cor mais quente* e *Pequeno Nicolau*⁵. Em linhas gerais, percebemos que os alunos tinham dificuldades de identificarem os países de origem das produções.

Ao solicitar que os alunos citassem cinco filmes que abordaram esportes que eles tenham gostado, citaram produções ligadas às lutas e alguns esportes coletivos. Foram mencionadas: *Invictus*; *Um sonho possível*; *Mais Forte que o Mundo*; *Space Jam*; *Coach*

2 *Velozes e furiosos* (Rob Cohen, 2001); *American Pie* (Paul Weitz e Chris Weitz, 1999); *Carga Explosiva* (Louis Leterrier e Corey Yuen, 2002); *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (Chris Columbus, 2001); *Os Vingadores* (Joss Whedon, 2012).

3 Diretor estadunidense cujas principais produções são: *Tubarão* (1975); *Os caçadores da arca perdida* (1981); *E.T. – o extraterrestre* (1982); *A lista de Schindler* (1993); *Jurassic Park* (1993). *O resgate do Soldado Ryan* (1998);

4 Diretor estadunidense cujas principais produções são: *A Rocha* (1996); *Armageddon* (1998); *Pearl Harbor* (2001); *Bad Boys* (1995); *Bad Boys 2* (2003); *A ilha* (2005); Franquia *Transformers* (2007; 2009; 2011; 2014; 2017).

5 *Azul é a cor mais quente* (Abdellatif Kechiche, 2013); *Pequeno Nicolau* (Laurent Tirard), 2009.

*Carter*⁶. Os filmes dos Estados Unidos também predominaram nessa categoria, principalmente, aquelas produções biográficas que demonstram belas fábulas de superação através do esporte.

De posse desses dados, entendemos que não cabe à escola reprimir o gosto e a forma que os alunos se relacionam com os filmes, mas pode tornar “esclarecida” as contradições e limites dessas narrativas cinematográficas, buscando “espectadores ativos” que estabeleçam um diálogo inteligente com os filmes, se permitam algumas ideias e recusem outras, interagindo conscientemente com as obras.

Refletindo a experiência pedagógica

A primeira sessão temática pautou Cinema, Esporte e Identidade cultural com a exibição de “*Boleiros – era uma vez o futebol*” (Ugo Giorgetti, 1998), produção que retrata um grupo de ex-jogadores profissionais de futebol e um ex-árbitro que se reúnem em um bar na cidade de São Paulo para relembrar histórias que, ora tendem ao riso, ora ao drama. Busca-se, nesse sentido, encontrar sentidos múltiplos para o futebol e sua representatividade para o brasileiro.

Antes da exibição do filme houve a entrega do roteiro de diálogo cinematográfico para os alunos. A partir de Napolitano (2003) elaboramos o roteiro de análise dividido em duas partes, uma com elementos informativos: Título do Filme; Ficha Técnica; Gênero e Temática; Personagens centrais e função na história; Biografia e filmografia do Diretor. E outra parte com orientações pedagógicas: conjunto de questões para o aluno observar e outros elementos de destaque da produção. Vale lembrar que a entrega do roteiro “não tem intenção de ensinar a ver ou direcionar o olhar do aluno para o filme, mas que contemple as questões centrais a serem observadas pelos alunos a cada sessão e que serve como balizador dos debates após a assistência do filme” (DANTAS JUNIOR, 2012, 73-74).

Em primeiro momento a classe expressava bastante inquietação na sala de vídeo⁷, ora ficavam mexendo no celular, ora conversando. Esse olhar desatento às primeiras imagens do filme foram se transformando à medida que algumas sequências fílmicas prenderam a atenção da turma como a história do garoto de rua bom de bola, mas envolvido com a criminalidade, a dos torcedores que buscaram ajuda de um pai de santo para curar o craque do time de uma lesão, e a sequência do jogador palmeirense e suas conquistas sexuais.

No segundo momento, a discussão sobre o filme aconteceu de forma entusiasmada pelos alunos, talvez por se tratar do futebol nacional, possibilitou ir para além da narrativa do filme. Os alunos fizeram relação com outros aspectos do mundo esportivo, sendo mais difícil falar de circunstâncias (corrupção, racismo, etc.) do filme para além do esporte.

6 *Invictus* (Clint Eastwood, 2009); *Um sonho possível* (John Lee Hancock, 2009); *Mais Forte que o Mundo - A História de José Aldo* (Afonso Poyart, 2016); *Space Jam: O Jogo do Século* (Joe Pytka, 1996); *Coach Carter - Treino para a Vida* (Thomas Carter, 2005).

7 A escola possui um espaço físico (sala de vídeo) organizada com aparelho de DVD/projetor multimídia e caixas de som, propiciando um ambiente prazeroso e confortável.



Alguns alunos refletiram, genericamente, sobre a malandragem, racismo e corrupção no futebol, sobretudo um entendimento de que o esporte pode ser o “salvador dos males” da nossa sociedade, ao relembrar a sequência fílmica sobre o garoto humilde “bom de bola” que surgiu na escolinha do ex-jogador Otávio. Demonstraram um consenso no discurso que a prática esportiva possibilita uma perspectiva de futuro aos menos favorecidos.

A relação das torcidas organizadas no futebol proporcionou uma discussão calorosa entre a classe. Alguns defendiam, pois acreditam que sem essas torcidas o futebol brasileiro “perde a graça”, e ficaria igual o “futebol plateia da Europa”, todos sentados assistindo ao jogo. Outros eram contra as organizadas nos estádios, devido aos casos de violência. A compreensão que os alunos tinham era da violência como característica natural das torcidas organizadas, mas sabemos que a origem de algumas dessas torcidas têm vínculo com movimentos de luta por direitos e interesses do futebol e da sociedade, mas que o debate é pautado pelos discursos do senso comum e midiático.

A corrupção no esporte foi tema bastante citado pelo os alunos durante o debate, mas tiveram dificuldades em fazer uma leitura a partir do cenário amplo da ética e moralidade no Brasil. Ao ser questionada qual relação entre a corrupção do esporte e da sociedade, a turma teve dificuldade em compreender como fatores integrados do convívio sociocultural. Muitos tinham interpretação isolada acerca da corrupção, para um aluno a corrupção é inerente ao ser humano. Cabe à escola caminhar no sentido da desmitificação desse “natural”. Promovendo uma reflexão sobre os valores que constituem a nossa cultura.

Parece-nos que o mundo está ameaçado por um certo analfabetismo ético. Há desinteresse pelo ser, pelo essencial. Desinteresse pelo ser, guerras, intolerância etc. Não serão os nossos jovens especialmente vulneráveis a essa ameaça? Não será urgente que se oriente pais, educadores, comunicadores sociais, para que encarnem valores, para que possamos vencer a indiferença, o conformismo e desenvolver sensibilidades para valores morais, apurando o sentido de responsabilidade? As propostas para a educação em valores na escola a partir de atividades que promovam reflexões sobre valores, afetividade e sentimentos, assim como a introdução dos Temas Transversais, vêm confirmar a necessidade do resgate da ética e do convívio social. (SILVA, 2007, p.23)

Mas a proposta da sessão temática propiciou um espaço privilegiado para discussões acerca dessas questões que assolam a nossa sociedade. E o debate possibilitou colocar em prática uma experiência pedagógica por meio que alunos e professores possam refletir sobre tais mazelas da nossa sociedade.

A Sessão temática Cinema, esporte e culturas diversas exibiu o filme “*Filhos do paraíso*” (Majid Majidi, 1997). A produção iraniana retrata a história de um menino de nove anos e sua irmã, percorrendo as ruas de Teerã para trocarem o único par de sapatos que compartilham para irem à escola. A culminância do filme é a tentativa do irmão em conseguir o terceiro lugar em uma corrida na cidade que terá como prêmio, um novo par de tênis para a irmã.



Em linhas gerais, a exibição do filme iraniano causou certa distração nos alunos. Desde o início da exibição, expressavam certa impaciência pela exibição do filme. Olhares desatentos às primeiras cenas, alguns preferiam tirar cochilo, outros mexiam no celular. O momento que prendeu mais atenção dos alunos foi nos preparativos de Ali para a corrida. O menino Ali ganhou uma torcida dos alunos que ficaram bastante ansiosos pelo desfecho da trama. Em ambas as turmas os alunos não entenderam o final do filme alguns perguntaram: “Já acabou?” e “o final feliz?”. Talvez por não serem acostumados a esse tipo de narrativa cinematográfica não convencional com início, ápice, fim - *happy end*, os alunos estranharam a produção iraniana.

No segundo momento da sessão temática, as impressões gerais que os alunos tiveram acerca do filme eram de um “bom filme para dormir”, “chato”, de “filmagens simples”. Os alunos discursaram sobre a superação através do esporte possibilitando aos menos favorecidos, ascensão social. Apontaram a relação da desigualdade social muito parecida com a do nosso país e a responsabilidade precoce das crianças nos afazeres domésticos.

Demonstraram que conheciam pouco sobre o contexto sócio-histórico em que se passava a trama, um país de origem persa e religião islâmica. Apresentaram desconhecimento acerca do islamismo, apesar de ser um tema permanente nas mídias ocidentais, principalmente na generalização do mundo islâmico como espaço de terroristas, propagando preconceito e ódio aos seguidores do Islã. A falta de conhecimento sobre as correntes religiosas podem ser a causa da disseminação da intolerância e, se pretendemos “promover uma cultura da paz”, deveríamos combater tais preconceitos. O filme possibilitou um diálogo sobre os islâmicos, pessoas com as mesmas aspirações que qualquer um de nós.

Alguns alunos questionaram aspectos da cultura. Um disse, “eles têm cultura bem patriarcal”; em relação à vestimenta das mulheres, questionaram o *hijab* que as mulheres eram “obrigadas” a vestir naquele contexto e não tinham oportunidade de vestirem outras roupas. As meninas não realizavam as mesmas atividades que os meninos (elas não participaram da corrida, apesar de correrem nas aulas de educação física). Fizeram paralelos com a realidade brasileira, que as mulheres vivem em desigualdades em relação ao homem. Mas demonstramos também que, mesmo com as mulheres iranianas terem direitos civis limitados, o Brasil tem participação feminina na política menor do que no Irã (CHADE, 2015).

Quanto à linguagem cinematográfica foi novidade para a classe: nenhum aluno conhecia a produção, ou tinha assistido algum filme iraniano. Tiveram dificuldades em compreender a narrativa ao não perceberem alguns detalhes importantes da trama e algumas cenas importantes passaram despercebidas pelos alunos. A forma simples da produção chamou atenção, uma aluna disse “parece mais real”, outra “diferente a filmagem, mais próxima dos personagens”. Para muitos alunos o filme foi bem “chato”, pela demora no desfecho da trama e simplicidade da produção. Uma aluna relatou: “Eu não gostei do filme, pois sou acostumada com filmes de ficção científica e ação/aventura. Aí quando filmes com uma narrativa mais lenta, eu não gosto, mas achei interessante a parte de reflexão do filme [...]”. Ao contrário de outros filmes, que utilizam muitos efeitos especiais, a cinematografia iraniana mostra uma narrativa mais lenta, com simplicidade.



A classe também questionou o final do filme de forma que eles não esperavam. Um “fim” que não estavam acostumados sem o desfecho conclusivo sobre a história. E esse também é outro aspecto interessante da produção, pois cabe ao espectador decidir o que acontecerá com a narrativa, com os personagens.

A sessão temática possibilitou um ambiente propício para discutir temáticas para além do esporte, como questões culturais importantes do Oriente Médio. Discutimos também acerca da arte cinematográfica, oportunizando aos alunos conhecerem uma proposta cinematográfica diferente, com uma narrativa mais lenta, ambientação natural e uma metáfora poética.

Feita essa etapa de diagnóstico, exibição e debate dos filmes passamos ao processo de desmontagem e unitarização dos textos⁸, destacando seus elementos constituintes, revelando suas unidades de significado. Os textos dos alunos ao serem submetidos à análise suscitaram categorias distintas. As categorias não se apresentaram diretamente nas redações, dessa forma, foi preciso estabelecer relações entre os elementos que as compõem, ou seja, uma unidade pode ser classificada em mais de uma categoria, ainda que possuam sentidos deferentes.

Percepções em Boleiros – era uma vez o futebol

As redações produzidas pelos alunos acerca da sessão de “*Boleiros – era uma vez o futebol*” (Ugo Giorgetti, 1998), resultou em duas categorias. A primeira “O esporte como ferramenta de inclusão social” trata das crenças dos alunos acerca da prática esportiva como instrumento essencial para a diminuição da exposição aos riscos sociais. Outra categoria que surgiu foi “Racismo e Preconceito” referente aos posicionamentos e argumentos quanto à discriminação do negro no esporte e na sociedade.

As declarações dos alunos dadas nas redações refletem muito o posicionamento da classe durante o debate da sessão temática. Acreditam que esporte é capaz de resolver os problemas sociais relacionados à violência e à criminalidade. Alguns dos alunos defenderam nos seus textos a importância de políticas públicas para o desenvolvimento do esporte nas comunidades menos favorecidas. Propondo intervenção social, como: “[...] é preciso que projetos sociais sejam desenvolvidos e patrocinados pelo governo, para ajudar os jovens infratores e que a escola também incentive a prática do esporte como forma de diminuir a violência” (AA4); “[...] faz-se necessário a ampliação de projetos de inclusão que usem o esporte como ferramenta a fim de mudar tal quadro, seja através de ONG’s ou aliando o poder político público a iniciativa privada para a melhoria da sociedade, tais como escola de futebol e academias de artes marciais em complexos e aglomerado habitacionais” (AA6); “[...] com projetos esportivos para comunidade feita pelas prefeituras das cidades a marginalidade começaria a abaixar” (AA3). Há um entendimento “[...] do jovem como um problema social, propenso à delinquência e ao uso de drogas, devendo, portanto, tomar parte de projetos de sociais capazes de promover uma ‘correta’ socialização” (NOGUEIRA, 2011, p.104).

⁸ Utilizamos um sistema de códigos para identificar as produções de cada participante da pesquisa. Por exemplo, AA1 reporta ao aluno “1” do 2º ano “A”; AB2 se refere ao aluno “2” do 2º ano “B”. A primeira letra se refere ao nome “aluno” e a segunda a turma de origem.

Nesse aspecto, a prática esportiva sempre foi considerada como uma ferramenta de excelência para a preparação do cidadão para a sociedade.

O incentivo à ação coletiva, o respeito ao adversário, o jogo limpo (fair-play) foram traços demarcados pelo sistema esportivo inglês e que, em tese, acompanham o esporte até nossos dias. No mundo do esporte, aprende-se que a vitória do outro não deve ser questionada (ela é sempre justa, por princípio); que a fixação rígida de regras é necessária para mediar as relações de disputa, a fim de evitar excessos, mesmo que isso sirva também para garantir privilégios, que a autoridade hierárquica (juízes, dirigentes, técnicos) deve ser obedecida, ainda que se não se concorde com seus atos (PIRES, 1998, p. 4).

A maioria dos alunos acredita que o esporte pode ser um instrumento para redenção dos “males” da nossa sociedade. Pois “[...]o esporte impede que crianças e adolescentes recorram à criminalidade” (AA6); “tendo em vista que com a pobreza muitos jovens se juntam a decadência da marginalidade, mas com escolinhas comunitárias pode haver esperança para muitos garotos com desenvoltura para um esporte, assim tirando muitas crianças da rua e impondo grandes objetivos para seus futuros” (AA5).

Nogueira (2011) demonstra que, no panorama de políticas públicas para juventude, a democratização das práticas esportivas é uma das principais estratégias de intervenção. O esporte seria uma espécie de “antídoto social”, validador de disciplina e controle social.

Parece que o discurso do esporte como “salvação” dos “pobres” que vem ocupando espaço cada vez maior nos jornais e telejornais, em filmes e em toda a mídia impregnou o imaginário coletivo dos alunos. Reconhecemos que o esporte pode ser uma ferramenta importante para auxiliar na educação das crianças e jovens, mas devemos refletir sobre as contradições que alimentam tais discursos e como esses alunos se apropriam dos mesmos. Nesse imaginário, o esporte tornou-se uma alternativa diante do “fracasso” da educação escolar. Lembrando o debate da sessão temática, uma aluna defendeu o ponto de vista que o esporte seria o único caminho para “salvar” muitas crianças que vivem em “favelas” e o poder público deveria investir em projetos esportivos nesses lugares. Ao ser questionado pelo pesquisador se a melhor alternativa não seria investir nas escolas dessas comunidades oferecendo uma melhor qualidade de ensino, a aluna contrariou dizendo que não adiantaria, pois a maioria dos moradores dessas comunidades não se interessa por estudos e o esporte seria um melhor caminho para oferecer oportunidades para essas pessoas, uma percepção consensual da turma.

Parece-nos que há uma compreensão na nossa sociedade que a prática esportiva não exige esforço, tanto quanto “gostar de estudar”. Tal entendimento pode alimentar o preconceito que os mais pobres prefeririam o caminho mais “fácil”. É necessário ressaltar que apropriação do conhecimento da cultura corporal, seja da prática esportiva ou das demais manifestações corporais implicam em comprometimento e esforço, da mesma forma que “gostar de estudar”. Mas ainda vivemos em uma sociedade que menospreza as práticas corporais em relação às atividades que são consideradas “intelectuais” para seres “desenvolvidos”. Tais entendimentos acabam por se naturalizar, formando crenças e julgamentos valorativos sobre determinados grupos. Dessa forma, percebemos nos discursos dos alunos,



[...] a emergência da vinculação entre as políticas esportivas e o discurso da promoção da cidadania ou de inclusão social. Ou então uma outra tendência ainda é a de considerar o esporte importante mecanismo de controle social da juventude, visando apenas dominar os impulsos violentos e produzir uma nova sociabilidade, capaz de gerar novas práticas que possam afastar os jovens de drogas e crimes, numa abordagem salvacionista (MELO, 2005, p. 80 *apud* NOGUEIRA, 2011, p.111).

Cabe à escola e, especialmente, à educação física esclarecer as contradições dessa “ilusão” criada na sociedade. A efetivação de projetos esportivos em periferias não é suficiente para que tenham uma vivência de socialização positiva e de cidadania. Até mesmo devemos considerar o número de evasão dos jovens desses projetos (VIANA e LOVISOLLO, 2009). A crença que o esporte pode ser meio de profissionalização, devemos considerar que não são poucas as dificuldades encontradas pelos atletas que querem ter uma ascensão profissional. Existe um verdadeiro funil que torna o sucesso esportivo para poucos (PINTO e PEREIRA, 2005).

A questão do racismo contra os negros foi amplamente abordada pela maioria dos alunos. Partindo da sequência fílmica que uma personagem conta a história do jogador Azul. Por exemplo: “No filme, o racismo é retratado através da história de Azul, em que ele estava andando de carro e policiais o abordaram por ser negro e estar sorrindo, acharam que ele era um marginal, após descobrirem que ele era um jogador profissional famoso, o liberaram” (AB13); “É nesse aspecto apresentado no filme que o negro só não sofre preconceito se tiver fama ou muito dinheiro que percebemos o quanto o racismo é algo forte no Brasil” (AA10).

Assim, a circunstância apresentada no filme chamou a atenção dos jovens para discutirem acerca da temática. Isso demonstra como o cinema pode orientar o olhar das pessoas para refletir sobre aspectos que nos desumanizam: “o fato é que o preconceito existe e é responsável pela exclusão, discriminação e injustiças, das menores às mais terríveis” (SILVA, 2007, p.136). Os alunos refletiram sobre o racismo na sociedade: “Racismo é uma discriminação social, onde o seu conceito está baseado em raças humanas que são superiores a outras” (AB12); “Racismo é um tipo de preconceito associado às raças, etnias ou às características físicas, visto que as pessoas denominadas racistas baseiam-se na ideologia da superioridade” (AA10). Em linhas gerais percebemos que os alunos possuem um discurso empírico acerca do racismo. Conforme Silva (2007, p. 140)

[...] o predomínio do senso comum, é o conhecimento adquirido por tradição e por consenso, herdado dos antepassados e ao qual acrescentamos os resultados da experiência vivida na coletividade a que pertencemos. Não se trata, pois, de um conhecimento refletido e encontra-se misturado a crenças e preconceitos. É conhecimento ingênuo, fragmentário e conservador a partir qual se procede a interpretação e mesmo a construção das realidades sociais.

Para a maioria dos alunos o racismo se resume às ofensas e discriminações “isoladas” que determinados indivíduos ou grupos sofrem. Eis um exemplo dessa compreensão: “no dia-dia ao ligarmos a TV, acessarmos a internet ou escutar a rádio, deparamos com reportagens e situações relacionadas ao racismo que se tornaram parte do cotidiano. Esses horrores ocorrem em redes sociais, nas ruas, campos de futebol etc. Parece uma epidemia

contagiando toda a população” (AB16). Neste exemplo, o aluno parece acreditar que o racismo “surge” em parcela da sociedade, comparando-o com uma “doença” que se alastra na sociedade. Não compreende o racismo como elemento estruturante da sociedade, que define as relações sociais. Podemos dizer que a lógica da sociedade vigente é organizada para privilegiar a cultura dominante do “homem branco”, enquanto que os negros são vistos à margem. Corresponde a um sistema opressor que nega direito a um determinado grupo conferindo privilégios a outro.

Para Silvio Almeida (2018, p. 38),

o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo *racismo é regra e não exceção* (grifos do autor).

Nesta lógica, de uma compreensão mais ampla sobre o racismo, o texto de uma aluna é elucidativo: “60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial; a cada quarto pessoas presas pela polícia, três são negras; nas universidades brasileira apenas 2% dos alunos são negros...’ os dados apresentados na música ‘capítulo 4, versículo 3’ do grupo Racionais’MC evidenciaram o desfavorecimento e preconceito sofrido pelos negros ao longo dos anos na sociedade. (...) Apesar ter passado tanto tempo desde a abolição da escravidão, muito do preconceito presente naquela época ainda é visto hoje. Muitos negros ainda não possuem lugar na sociedade, e muitos deles ainda são discriminados e sofrem violência” (AB18). Essa reflexão da aluna coaduna com Silva (2007, p.130-131),

O Brasil sempre procurou sustentar a imagem de um país cordial, caracterizado pela presença de um povo pacífico, sem preconceito de raça e religião. Durante anos alimentamos a ideia de que vivemos uma verdadeira democracia racial, apesar das visíveis desigualdades e limites de oportunidades oferecidas aos negros, mulatos, índios e ciganos. Sempre interessou ao homem branco a preservação do mito de que o Brasil é um paraíso racial, como forma de absorver as tensões sociais e mascarar os mecanismos de exploração e de subordinação do outro, do ‘diferente’

Os jovens em suas declarações defendem a importância de se lutar contra a discriminação racial: “Por isso a melhor forma de se combater o racismo, dentro e fora dos campos é prevenção, além da punição para os envolvidos. Políticas educativas, aplicadas em escola e meios de comunicação são fundamentais para acabar com a discriminação” (AB12); “Assim, para que a sociedade se conscientize sobre o racismo, escola e a família são bastante importantes, pois elas devem ensinar as seus alunos e filhas a respeitarem o próximo, independente de cor, religião e cultura” (AB13). Os alunos demonstram alternativas parecidas contra o racismo. Reconhecem a discriminação e o preconceito como atitudes que apartam as pessoas, sendo necessário que promovam condições de igualdade. Sabemos que não serão apenas ações pedagógicas com o cinema que resolverão tal cenário, “mas, de qualquer forma, a escola com tais trabalhos ajudará a formar uma prática social capaz



de romper a segregação invisível, mas operante em que vive a população negra no Brasil” (SILVA, 2007, p. 153).

Percepções em Filhos do paraíso

A sessão de “*Filhos do paraíso*” (Majid Majidi, 1997) originou duas categorias: “desigualdade Social” que trata dos discursos dos alunos sobre a desigualdade vigente no mundo e “esporte como meio de ascensão social” que trata das crenças dos alunos que a prática pode ser um meio para crianças de comunidades pobres poderem ascender na vida.

Quanto à desigualdade social vigente no mundo, os discursos foram motivados pelo contexto que o protagonista Ali vive com a família na cidade de Teerã. “*Podemos através da história de Ali, notar o quanto a pobreza afeta o cotidiano das famílias de baixa renda*” (AA23); “*podemos observar a gigante desigualdade social em que o mundo vive, principalmente países como o Irã, retratado no filme ‘Filhos do Paraíso’*” (AB27). Alguns discursos também fizeram relação com a nossa desigualdade social: “*Alguns aspectos do filme podem ser comparados com a situação atual do Brasil. Tais aspectos consistem no fato das crianças possuírem grandes responsabilidades, por conta tanto da carga horária de trabalho exaustiva do pai, quanto da necessidade da mãe de cuidar do irmão mais novo*” (AB40).

Dessa forma, muitos alunos buscaram situar como ocorre o fenômeno da desigualdade no mundo: “*Como desigualdade social podemos entender a diferença de poder aquisitivo de um determinado país. A consequência direta da desigualdade social, principalmente nos países menos desenvolvidos é a pobreza*” (AB40); “*A desigualdade social está presente em todos os lugares, é fenômeno social e ocorre principalmente em locais com uma distribuição de renda desigual. Todos os aspectos da sociedade são afetados com essa desigualdade [...]*” (AA30); “*É fato que no atual mundo globalizado em que vivemos as desigualdades sociais dentro de um país assolam toda a população*” (AA23).

Em linhas gerais, os alunos que retrataram sobre a temática, sabem que a desigualdade social existe e conseguem situá-la em diversos contextos, e até mesmo dizem que é questão de renda desigual. Porém, a maioria dos alunos acreditam no discurso da meritocracia para superar as adversidades da desigualdade social: “*A desigualdade social é um mal sem cura, mas só depende de você para querer mudar toda esta situação. Como Ali, muitos conseguem vencer isso*” (AA30); “*A desigualdade é um mau sem cura, mas quem pode mudar isso são as pessoas*” (AB31); “*com isso devemos deixar claro que para conseguir algo devemos lutar, ter força de vontade e nunca desistir, assim como o menino Ali que caiu, levantou e seguiu com a cabeça erguida em busca do seu objetivo principal*” (AB35). Segundo Jessé Souza (2009), a meritocracia de privilégios vem se legitimando entre as pessoas. A meritocracia é demonstrada com a ilusão de que os privilégios são justos, pois depende do esforço individual.

No mundo moderno, cuja legitimidade é baseada na liberdade e igualdade de seus membros, o poder não se manifesta abertamente como no passado. No passado, o pertencimento à família certa e à classe social certa dava a garantia, aceita como tal pelos dominados, de que os privilégios eram ‘justos’ porque espelhavam a ‘superioridade natural’ dos bem-nascidos. No mundo moderno, os privilégios continuam a ser transmitidos por herança familiar e de classe, como veremos adiante, mas sua

aceitação depende de que os mesmos ‘apareçam’, agora, não como atributo de sangue, de herança, de algo fortuito, portanto, mas como produto ‘natural’ do ‘talento’ especial, como ‘mérito’ do indivíduo privilegiado. Existiria, no mundo moderno, uma ‘igualdade de oportunidades’ que seria a forma de conciliar as demandas de igualdade e liberdade. Os privilégios que resultam disso não seriam ‘desigualdades fortuitas’, como no passado com a dominância do status de sangue, mas ‘desigualdades justas’ porque decorrentes do esforço e desempenho diferencial do indivíduo. O que assegura, portanto, a ‘justiça’ e a legitimidade do privilégio moderno é o fato de que ele seja percebido como conquista e esforço individual (SOUZA, 2009, p.42-43).

Esse discurso meritocrático tem suas contradições, como ascender em uma sociedade em que as oportunidades são desiguais? Mas muitos alunos acreditam que esse é um meio para estabelecer tal “igualdade”. Por conseguinte, na categoria do esporte como meio de ascensão social, os discursos se aproximaram da categoria “esporte como ferramenta de inclusão social” do filme anterior. Os alunos lembram que Ali, através do esporte teve oportunidade de mudança de vida: “É nesse contexto que o esporte entra na vida de Ali, pois, uma competição de corrida estava dando prêmio um par de tênis que ele poderia apresentar a imã tendo isso em vista, ele usa o esporte como forma de conseguir mudar uma realidade” (AA23); “*Mas o filme mostra que mesmo ele não recuperando os sapatos ele conseguiu vencer com as dificuldades e que o esporte pode proporcionar isso a todos, do pobre ao rico, só basta ter determinação e vontade de vencer*” (AB29).

Compreendemos, a partir do filme, que Ali não tinha intenção de ser um atleta. A corrida surgiu por acaso como forma de ele conseguir o prêmio do terceiro colocado que era um tênis. Mas para o imaginário dos alunos, tanto no debate, quanto nos textos, compreendeu-se que Ali almejava ser um grande atleta. Talvez o discurso do “esporte como superação”, impregnado nos filmes convencionais tenha influenciado a interpretação dos alunos.

Mesmo sem a produção ter essa intenção, muitos alunos interpretaram semelhanças da trama com as adversidades que muitos atletas sofrem na carreira. O discurso da superação é muito recorrente no universo esportivo e frequentemente em filmes que tratam do esporte. Para a maioria dos alunos, o esporte é um instrumento essencial para superar as adversidades. Acreditam que o exemplo da história de Ali pode ser inspiração para as pessoas. “*A história da superação retratada no filme mostra que todos podem se tornar bons atletas e boas pessoas, a condição de vida não influencia a pessoa que cada um se tornará, pois tendo um objetivo todos podem se tornar grandes pessoas*” (AB36).

Ruggi e Costa (2011), ao discutirem imagens e funções atribuídas ao futebol no Brasil e na Argentina, demonstram como as narrativas sobre a vida do atleta estão repletas de histórias de indivíduos que superam individualmente as adversidades.

Em contrapartida, é pertinente mencionar que a imagem dos jogadores de futebol está imersa em uma lógica profundamente individualista. A história de vida típica de um futebolista bem-sucedido consiste em ‘sair’ da pobreza, galgar posições sociais, em uma trajetória ascendente que não desafia, antes reforça, a desigualdade social. Apesar da partilha de rendimentos com os familiares imediatos e amigos próximos, o universo de convívio dos jogadores ‘vencedores’ se transforma tanto quanto seu poder aquisitivo [...] (RUGGI; COSTA, p.13-11).



Portanto, o espaço destinado pelos meios de comunicação aos atletas reforça a ideia do esporte enquanto meio legítimo para ascensão social dos pobres. Esse discurso, alimentado socialmente, reflete na maioria dos alunos participantes da pesquisa. Compreendem que o esporte pode ser um meio para os mais pobres terem uma ascensão econômica e social. Os discentes reiteram a compreensão que a desigualdade social “tem provocado uma concepção do jovem como um problema social, propenso à delinquência e ao uso de drogas” (NOGUEIRA, 2011, p.104).

Em contrapartida, alguns textos dos alunos trouxeram reflexões para além do entendimento da discussão da categoria anterior. Demonstraram outras percepções acerca da vida a partir das lições que apreenderam no filme: *“No filme ‘Filhos do paraíso’, a palavra ‘paraíso’ nos dá a ideia de um lugar tranquilo e cheio de delícias, prazer. A partir do momento em que o filme é assistido, é possível que se interprete o título que lhe foi dado, a partir da relação entre os irmãos Ali e Zahara, tendo assim como possível interpretação, a palavra paraíso, como um lugar em que exista cumplicidade, amor e respeito entre aqueles que vivem juntos”* (AB48); *“O filme é excelente porque traz uma realidade da sociedade. Muitas pessoas esquecem seus valores e tornam-se pessoas egocêntricas e esquecem que o próximo também é um ser humano e merece respeito [...]”* (AB50).

Realmente o filme iraniano nos proporciona um olhar mais ampliado acerca dos valores da vida, conforme as percepções supracitadas. Possibilita uma reflexão sobre valores que almejamos universalizar: solidariedade, companheirismo, respeito, amor e solidariedade.

A partir do filme houveram questionamentos acerca dos valores que estão impregnados na estrutura do modo de vida da sociedade capitalista no qual a competição entre as pessoas é hipervalorizada. Uma aluna expressou: *“Em meio a isso tudo é importante nos questionar se competir é mais importante do que o fato de participar. Na vida cotidiana corremos para chegar em tudo, seja no trabalho ou na escola, estamos sempre sendo competitivos não dano importância para o valor que é participar”* (AB50).

Podemos perceber que o filme provocou uma postura crítica em alguns alunos, principalmente, em um período marcado pelo individualismo. Segundo Roure e Silva (2017) a intenção da produção iraniana é essa mesmo de levar o público a refletir a realidade.

A relação de amizade e companheirismo entre os irmãos chamou também atenção dos alunos: *“Durante o filme, fica bem clara a ideia de respeito ao próximo e os ensinamentos de companheirismo independente das dificuldades apresentadas. Isso fica em evidência no tratamento que os personagens têm uns com os outros”* (AB51). Aspectos esses que contribuem para reflexão acerca dos valores morais. A escola deve oportunizar discussões nesse sentido, principalmente, em uma sociedade capitalista como a nossa marcada pelo individualismo exacerbado. O filme “Filhos do paraíso”, com seu título metafórico e sua narrativa simples, nos proporciona um olhar mais ampliado acerca dos valores da vida.

Concluimos ser possível e necessário o uso do cinema na escola para aprender sobre esporte, afinal aprofundamos nossa compreensão acerca do futebol, para além do esporte, explorando suas conexões com o entorno sócio-histórico e dialogando arte e esporte com o aprofundamento das dimensões estéticas e criativas dos alunos na experiência com distintas linguagens cinematográficas.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- CHADE, Jamil. Brasil tem menos mulheres no Legislativo que Oriente Médio. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 6 mar. 2015. <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-menos-mulheres-no-legislativo-que-orientes-medio,1645699> Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.
- DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. Esporte e Cinema: possibilidades pedagógicas para a Educação Física Escolar. *Cadernos de Formação da Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, set. 2012, p. 67-78.
- DUARTE, Rosália. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- DUARTE, Rosália; ALEGRIA, J. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, 33 (1): 59-80. Jan/jun, 2008.
- ÉPOCA. *Só 10% das cidades brasileiras têm cinema*. 2015. Disponível em <<http://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2015/12/so-10-das-cidades-brasileiras-tem-cinema.html>> Acessado em 19/05/2017.
- FOLHA DE S. PAULO. *Maioria dos brasileiros prefere ir ao cinema para ver ação, diz pesquisa*. 2016. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/02/1744648-maioria-dos-brasileiros-prefere-ir-ao-cinema-para-ver-acao-diz-pesquisa.shtml>>. Acessado em 24/03/2017.
- IBOPE. *16% da população tem o hábito de ir ao cinema*. 2013. Disponível em <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/16-da-populacao-tem-o-habito-de-ir-ao-cinema/>>. acessado em 24/03/2017.
- MELO, Victor Andrade de. *Animação cultural: conceitos e propostas*. Campinas: Papirus, 2006a.
- MELO, Victor Andrade de. *Cinema & Esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006b.
- MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003.
- NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.
- NOGUEIRA, Quéfren Weld Cardozo. Esporte, desigualdade, juventude e participação. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 103-117, jan./mar. 2011.
- PINTO Fábio Machado; PEREIRA Lana Gomes. A experiência de ver filmes na formação inicial de professores de educação física. *Revista Pensar a Prática*. Goiânia, v.8, n.1 p.101-15. 2005. Disponível em < <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/107/2276>>. Acessado em 12/06/2017.
- PIRES, Giovani Lorenzi. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. *Revista da Educação Física da UEM*, Maringá, n. 9, p. 25-34, dezembro, 1998.
- ROURE, Glacy Queirós de; SILVA, Neise Maria da Guia. Filhos do paraíso: a ética no mundo infantil. *Revista Polyphonia*, v. 28, n. 1, jan./jun. 2017, p. 183-198.
- RUGGI, Lenita Oliveira; COSTA, Hilton. Goooooooooool: Notas sobre mitologias futebolísticas no Brasil e na Argentina. *Revista esporte e sociedade*, Niterói, ano 6, n.18, setembro. 2011. Disponível em <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1804.pdf>> acessado em 20/07/2017.
- SILVA, Roseli. *Cinema e educação*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOUZA, Jessé. Senso comum e justificação da desigualdade. In: SOUZA, Jessé et al. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 41-48.
- VIANA, José Antônio; LOVISOLO, Hugo. Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre a avaliação. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 03, p. 145-162, abril/junho de 2009.



Humberto Santana França

Graduado em licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Hamilcar Silveira Dantas Junior

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Professor Associado IV, Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe - UFS. Professor do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cinema - PPGCINE/UFS.